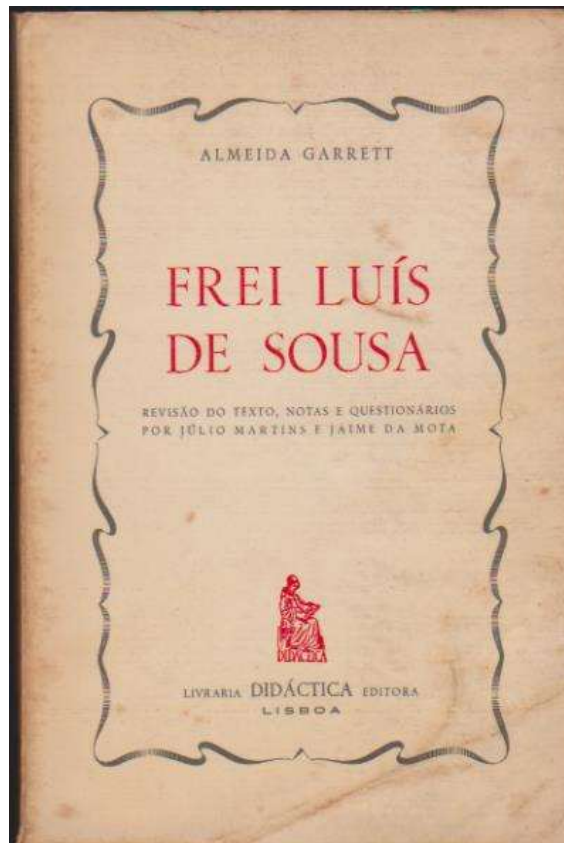


Almeida Garrett

Frei Luís de Sousa



1. Vida, sociedade e obra

João Batista da Silva Leitão nasceu em 1799 e morreu a 1854. A sua família era de origem burguesa e havia enriquecido no Brasil. Viveu as invasões francesas, a fuga da Corte portuguesa para o Brasil, assistiu à revolução liberal de 1820 (liberais *vs* absolutistas), entre outras. Foi nomeado em 1837 Inspetor Geral dos Teatros, fundando o Teatro Nacional D. Maria II.

Morreu após uma vida política e cívica intensa:

- ✓ estudante revolucionário em Coimbra (1820);
- ✓ jornalista interventivo perseguido pelas suas ideias liberais;
- ✓ preso e exilado duas vezes;
- ✓ soldado da causa liberal, combatendo no Cerco do Porto;
- ✓ secretário da missão diplomática em Madrid, Paris e Londres, em prol da causa liberal;
- ✓ colaborador ativo de várias tarefas a nível governativo;
- ✓ cônsul-geral na Bélgica;

- ✓ resistente político durante a ditadura do governo de Costa Cabral;
- ✓ Ministro dos Negócios Estrangeiros, durante o período de Regeneração.

2. Tragédia ou drama

O próprio Almeida Garrett afirmou sentir dificuldades em integrar esta peça numa determinada tipologia dramática.

a. Características da tragédia clássica:

- ✓ pretende inspirar sentimentos de terror e piedade;
- ✓ personagens de alto estatuto social e moral;
- ✓ presença de um coro: personagens que não intervêm na ação e a sua função é comentar determinados momentos da ação, consoante ela se vai desenrolando;
- ✓ Lei das três unidades:
 - Ação – deve ser simples, sem ações secundárias, de forma a evitar a disperso, permitindo um fomentar da tensão dramática;
 - Espaço – toda a ação deve desenrolar-se no mesmo espaço;
 - Tempo – não deve exceder as 24 horas
- ✓ Tripartição da ação:
 - Exposição – exposição das personagens; conflito.
 - Progressão dramática – desenvolvimento do conflito, originado pelo desafio das personagens (*hybris*); o conflito chega ao ponto mais alto (*climax*); reconhecimento (*anagnórise*); sofrimento das personagens (*pathos*).
 - Desenlace – morte física, social e afetiva;
- ✓ família condenada apesar de não ter culpa;
- ✓ casamento de D. Manuel e D. Madalena – *Hybris*;
- ✓ conflito interior de Madalena e Telmo – *agón*;

- ✓ reconhecimento de D. João I como sendo o Romeiro – *anagnórisis*;
- ✓ aparecimento de D. João, tornando o casamento e Maria ilegítima – *peripécia*;
- ✓ reconhecimento do Romeiro – *clímax, anagnórisis*;
- ✓ dissolução da família e a morte de Maria – *catástrofe*.

b. Características da tragédia romântica

- ✓ conflitos emocionais;
- ✓ valorização dos sentimentos;
- ✓ acontecimentos de cariz sentimental e amoroso;
- ✓ uso da prosa em substituição do verso e pela utilização de uma linguagem mais próxima da realidade vivida pelas personagens;
- ✓ patriotismo e nacionalismo;
- ✓ liberdade poética;
- ✓ prosa;
- ✓ só tem unidade de ação;
- ✓ três atos;
- ✓ personagem “Anjo” de Maria e a sua morte em palco;
- ✓ religião como consolo.

3. O espaço

- ✓ **O espaço físico** é em Almada. Ao longo dos atos, o espaço vai afunilando, fechando-se e aumentando o sofrimento, que conduz à morte:
 - **I Ato** – Palácio de Manuel de Sousa Coutinho: luxo, grandes janelas sobre o Tejo – felicidade aparente; o retrato de Manuel de Sousa Coutinho transmite a serenidade da sua personalidade; o incêndio e a consequente destruição do seu retrato tornar-se-ão prenúncio da catástrofe final;

- **II Ato** – Palácio de D. João de Portugal: melancólico, pesado, escuro – peso da fatalidade, a desgraça; a ausência de luz pressagia a catástrofe final – o círculo fechado em que as personagens vão ficando encerradas, entregues à sua angústia, separadas do mundo e da luz, empurradas inevitavelmente para um beco sem saída; os retratos, para além do caráter nacionalista que transmitem (D. Sebastião, Camões), evocam um passado extinto, mas ameaçador, que inviabiliza o presente e, também, o futuro; a comunicação com a capela da Senhora da Piedade indicia já o final trágico e demolidor do Ato III, que aí ocorre.
- **III Ato** – parte baixa do palácio de D. João: casarão sem ornato algum – abandono dos bens deste mundo; a cruz é o elemento conotador de morte e de esperança; o espaço é símbolo da morte e da impossibilidade de a superar; a única saída para uma família católica que assume as suas convicções religiosas e sociais de forma clara e rígida é a renúncia ao mundo e à luz (uma espécie de descida aos infernos).
- ✓ o primeiro **quadro** conota a pobreza;
- ✓ o segundo **quadro**, na capela, anuncia a profissão religiosa e a morte com esperança de salvação;
- ✓ **o espaço social**: domina o estatuto da nobreza com normas rígidas.
- ✓ **o espaço psicológico**: a consciência de Madalena é o espaço privilegiado;
- ✓ conclusão: a articulação e a complementaridade dos três espaços foram superiormente conseguidas.

4. O tempo

- ✓ não respeita a duração das 24 horas;
- ✓ a condensação do tempo é evidente e torna-se um fator trágico;

- ✓ o afunilamento do tempo é evidente: 21 anos, 14 anos, 7 anos, tarde, noite e amanhecer;
- ✓ uma semana justifica-se pela necessidade de distanciamento do acontecimento do ato I e da passagem a primeiro plano dos referentes ao regresso de D. João de Portugal;
- ✓ o simbolismo do tempo: a sexta-feira fatal; o regresso de D. João de Portugal faz-se no 21º aniversário da Batalha de Alcácer Quibir (sexta-feira); morte de D. Sebastião (sexta-feira); visão de D. Manuel pela primeira vez (sexta-feira).

5. Ação

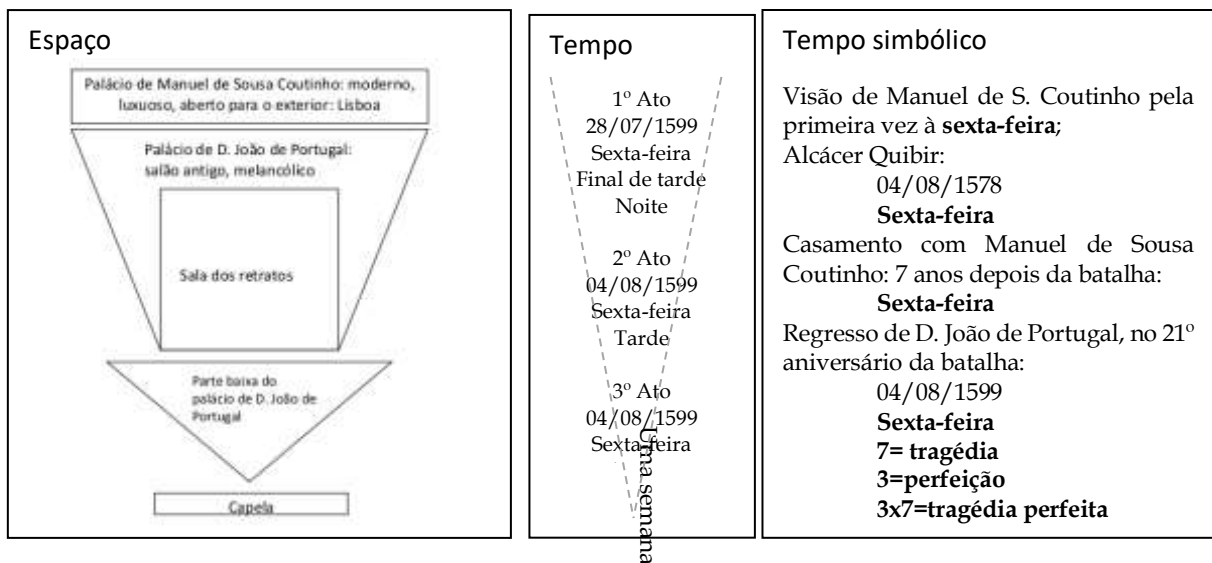
- ✓ os acontecimentos encaixam-se extrínseca e intrinsecamente;
- ✓ nada está deslocado nem pode ser suprimido;
- ✓ o conflito aumenta progressivamente provocando um sofrimento cada vez mais atroz;
- ✓ a catástrofe é o desenlace esperado;
- ✓ a verosimilhança é perfeita;
- ✓ a unidade de ação é superiormente conseguida.

a. Estrutura interna e externa

- ✓ Externa: está dividida em três atos e respetivas cenas.
- ✓ Interna:
 - Exposição – ato I, cena I a IV – informação sobre o passado das personagens;
 - Conflito – ato I, cena V até ato III, cena IX
 - Ato I, cenas V-VIII: preparação da ação: decisão dos governadores e decisão de incendiar o palácio;
 - Ato I, cenas IX-XII – ação: incêndio do palácio;
 - Ato II, cenas I-III: informação sobre o que se passou depois do incêndio;

- Ato II, cenas IV-VIII – preparação da ação: ida de Manuel de Sousa Coutinho a Lisboa;
- Ato II, cenas IX-XV – ação: chegada do Romeiro;
- Ato III, cena I: informação sobre a solução adotada;
- Ato III, cenas II-IX: preparação do desenlace.
 - Desenlace – ato III, cena X até ato III cena XII – desenlace.

Assim:



6. Didascálias

- ✓ indicam a entrada e a saída das personagens, que origina a mudança de cena;
- ✓ o tipo de movimento que as personagens fazem;
- ✓ atitudes;
- ✓ o tom de voz;
- ✓ caracterização do estado de espírito das personagens;
- ✓ caracterização física das personagens;
- ✓ caracterização de cenários, iluminação e som;

7. Linguagem

- ✓ linguagem cuidada, com léxico erudito, repleta de recursos estilísticos, interjeições e atos ilocutórios expressivos;
- ✓ reticências, frases curtas e repetições;
- ✓ interrogações retóricas;
- ✓ repetições;
- ✓ antíteses;
- ✓ imperativo;
- ✓ hipérboles.

8. Intenção persuasiva e exemplaridade / crítica social

- ✓ eliminar o preconceito social;
- ✓ valorizar a liberdade e a pátria, em detrimento da obsessão religiosa;
- ✓ criticar a estagnação de Portugal e a passividade dos portugueses, defendendo a regeneração do país, pela implementação de medidas que suscitariam mudanças políticas sociais e intelectuais;
- ✓ valorização do “eu” por oposição à sociedade – Madalena e Maria foram oprimidas pelos valores sociais;
- ✓ apelo à liberdade de decisão – Manuel de Sousa Coutinho incendeia o palácio, mas no final, resigna-se aos valores sociais e religiosos;
- ✓ obsessão da morte e da destruição – Maria e Madalena surgem aterrorizadas diante da possível destruição da família, embora não o confessem uma à outra;
- ✓ nacionalismo – valorização das raízes nacionais, com recurso a referências literárias portuguesas (*Os Lusíadas* e *Menina e Moça*), culturais (história de Portugal, em que estamos sob o domínio dos espanhóis); referência ao sebastianismo;
- ✓ antissebastianismo – destruição do presente (atualidade) e na inviabilização do futuro (felicidade), com o aparecimento do passado (Romeiro);

- ✓ ligação amor/morte – a inviabilidade do amor paternal e matrimonial que conduz à morte física de Maria e à morte psicológica de Madalena e Manuel.

9. Sebastianismo

- ✓ tem origem num acontecimento da história de Portugal: o desaparecimento de D. Sebastião, na Batalha de Alcácer Quibir, em circunstâncias misteriosas que deram origem ao nascimento do mito;
- ✓ o povo acreditava no mito de D. Sebastião: ele viria numa manhã de nevoeiro, retirar Portugal da situação em que estava; por metáfora, este mito tornou-se um traço da personalidade nacional, que se caracteriza por:
 - viver das glórias do passado;
 - acreditar numa solução que não envolva determinação na superação dos problemas;
 - aceitar passivamente o destino.
- ✓ Assim, o sebastianismo constitui-se como um movimento passadista e retrógrado, que se alimenta da grandeza passada e que espera a superação das agruras do presente pela chegada providencial e fantástica de um redentor, um messias.

10. Atemporalidade e universalidade da obra

- ✓ conflito do *eu vs* sociedade;
- ✓ conflitos interiores;
- ✓ denúncia das arbitrariedades e da tirania;
- ✓ defesa da liberdade.

11. Valor simbólico de alguns elementos

- ✓ Retratos – inicialmente remetem para a força espiritual e física; posteriormente, o retrato queimado de Manuel de Sousa Coutinho é prenúncio da catástrofe final que destrói a família; o retrato de Luís de

Camões representa a glória das letras, sendo o poeta o paradigma romântico do génio solitário e incompreendido; o retrato de João de Portugal simboliza o fantasma ameaçador que regressa do passado para aniquilar o presente;

- ✓ espaço – o progressivo afunilamento e obscurecimento do espaço simboliza o caminhar inevitável para a tragédia final, deixando as personagens enclausuradas, sem saída possível;
- ✓ tempo – o afunilamento do tempo simboliza a impossibilidade de fuga das personagens a um final implacável;
- ✓ decoração dos espaços – a decoração vai-se tornando mais despojada, mais melancólica, impossibilitando o contato com o exterior;
- ✓ numerais – 7 é o algarismo que domina todas as referências a intervalos temporais e que simboliza a totalidade;
- ✓ referências literárias – as obras *Os Lusíadas*, de Camões, nomeadamente o episódio de Inês de Castro, e *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro, enfatizam o caráter nacionalista da obra, ao mesmo tempo que ilustram a vivência infeliz do amor presente em *Frei Luís de Sousa*;
- ✓ papoilas – Maria colhe papoilas, para a fazerem dormir sem sonhar, metáfora da sua tentativa de esquecer o presente.
- ✓ **a didascália inicial** do drama romântico indicia alguns aspetos estruturadores da diegese dramática, adquirindo, desde logo, uma função simbólica:
 - espaço físico que indicia o estatuto social elevado da família;
 - elementos decorativos que revelam elegância, luxo e sensibilidade femininas;
 - espaço aberto para o exterior indiciador da felicidade (embora aparente) da vida familiar;
 - a mocidade aliada à religiosidade como indício do futuro promissor;
 - elementos próprios de um espaço confortável, familiar e reveladores de vivências culturais;

- comunicação com o exterior, indício de promessa de futuro, de felicidade;
- o final da tarde aponta para uma melancolia que o evoluir da ação dramática adensará.

12. Resumo sintético:

- ✓ Ato I – decorre no palácio de Manuel de Sousa Coutinho
 - ambiente leve e exótico;
 - D. Madalena lê um excerto de *Os Lusíadas*, do episódio de Inês de Castro, onde o amor cega e condena a alma ao sofrimento – presságio do que lhe irá acontecer;
 - Telmo, nobre escudeiro, entra em cena e ambos discutem sobre Maria, filha de D. Madalena e Manuel de Sousa Coutinho;
 - os medos de D. Madalena em relação ao regresso do seu ex-marido (D. João de Portugal), que nunca regressou da Batalha de Alcácer Quibir, refletem-se na proteção da sua filha em relação ao **Sebastianismo**: se D. Sebastião voltasse, o seu ex-marido também poderia voltar.
 - Maria é muito frágil, fisicamente, pois está doente com tuberculose não diagnosticada; Telmo, antigo escudeiro de D. João, incentiva-a a acreditar no Sebastianismo, o que ela abraça fortemente, apesar de a mãe desaprovar;
 - D. Manuel, um cavaleiro da nobreza, chega e informa as personagens da necessidade de saída daquela casa, pois os “governantes” (na altura Portugal estava sobre o domínio espanhol) viriam e desejavam instalar-se em sua casa;
 - o ato termina com D. Manuel a incendiar a própria casa, como símbolo de patriotismo, incendiando, também, um retrato seu, movendo-se a família para o palácio de D. João. Esta mudança vai permitir o desfecho trágico.

- ✓ Ato II – decorre no palácio de D. João de Portugal
 - o ambiente fechado, sem janelas, com os quadros grandes das figuras das figuras de D. João, Camões e D. Sebastião revelam uma presença indesejada e uma família mais abatida, prenúncio de que algo de trágico iria acontecer;
 - D. Madalena apresenta-se muito fraca; com a chegada de D. Manuel, que teve de fugir devido à afronta dos governadores e a indicação de que estes o tinham perdoado, D. Madalena fica mais descansada; ao saber por Frei Jorge que o marido terá de partir para Lisboa para se apresentar, fica de novo desassossegada;
 - D. Manuel, parte para Lisboa na companhia de Maria e Telmo, deixando em casa D. Madalena e Frei Jorge;
 - aparece um Romeiro que não se quer identificar, mas dá indícios de ser D. João de Portugal, que estaria de regresso exatamente 21 anos depois da batalha de Alcácer Quibir (7 para procurar o corpo + 14 de casamento de D. Madalena e D. Manuel).

- ✓ Ato III – decorre na parte baixa do palácio de D. João de Portugal
 - ambiente mais fechado, representando a falta de saída da família que, caso o romeiro fosse D. João, estaria presente um casamento e uma filha ilegítimos; a morte seria a única forma de divórcio;
 - o Romeiro encontra-se a sós com Telmo e este não reconhece o seu amo de imediato, o que conduz D. João a um aniquilamento social (“Ninguém, Telmo; ninguém, se nem já tu me conheces.”);
 - o amor que sente pelos seus novos amos e por Maria faz com que ele peça ao Romeiro que minta, que diga que é um impostor, que salve a família;

- Telmo vai pedir conselhos a Frei Jorge, que lhe diz que se há certezas de que é D. João, a verdade não pode ser escondida;
- no final, não tendo outra salvação, Maria morre de desgosto (por ser filha ilegítima e de tuberculose) e os pais vão para um convento (morrendo socialmente). D. Manuel torna-se Frei Luís de Sousa.

13.Temas:

Amor – algo que cega e que impossibilita a felicidade; amor entre Telmo, D. Maria e D. João, na fidelidade do escudeiro fiel; amor entre Manuel de Sousa Coutinho e D. Madalena. Enquanto Inês de Castro foi feliz, embora enganada, D. Madalena nunca reconheceu essa felicidade, pois viveu sempre em tensão, com medo que D. João regressasse.

Religião – é uma consolação, salvação.

Sebastianismo – o culto, quase religião, do mito sebastianista, neste drama anunciado pelas bocas de Telmo e Maria, contra a vontade de D. Madalena.

Patriotismo – espelhado nas personagens de D. Manuel (*há de saber-se que ainda há um português em Portugal*) e D. João de Portugal (lutou pelo país ao lado do rei)

Liberdade individual – sobretudo em D. Manuel, por ter incendiado a casa, não se subvertendo ao regime da época; independentemente do plano político e social, o homem faz o que deseja, toma as suas próprias decisões.

14. Caracterização das personagens:

Personagem	Socialmente	Psicologicamente
D. Madalena de Vilhena	Nobre, pertence à nobreza.	Muito instável; com <i>agouros</i> ; muito sentimental; sempre com medo do passado.
D. Manuel de Sousa Coutinho	Nobre, cavaleiro de Malta.	Tenta ser racional, mas mostra desagrado em relação ao sebastianismo; bom marido e bom pai; corajoso.
D. João de Portugal	Alta nobreza, pertencia ao círculo mais próximo do rei.	Corajoso (em partir com o rei); ligado a D. Sebastião; compreensivo (quando compreende o problema da família).
D. Maria de Noronha	Nobreza, filha de pais nobres.	Sangue de “Vilhenas” e de “Sousas”; muito frágil e instável; representa uma faceta sebastianista; uma mulher “anjo” – na perspetiva romântica; Inteligente.

15. Telmo é a personagem principal?

- ✓ Telmo parece ser a personagem mais indicada para ser a personagem principal, embora este fato seja discutível;
- ✓ o fiel escudeiro de D. João de Portugal tem de escolher entre o seu amor por Maria, os seus atuais amos e o seu antigo senhor. Ele é quem vive o drama mais intensamente e compreende todas as personagens;
- ✓ no final da obra ele pede ao Romeiro que finja ser um impostor, “matando” socialmente D. João; é Telmo quem espalha esse falso boato;
- ✓ esta personagem é muito crítica, cria juízos de valor e é através dele que a consciência das personagens é fragmentada, este vive num profundo conflito interior pois sente-se dividido entre João e Maria, não sabendo o que fazer.

Ato I

Câmera antiga, ornada com todo o luxo e caprichosa elegância portuguesa dos princípios do século dezassete. Porcelanas, xarões, sedas, flores, etc. No fundo, duas grandes janelas rasgadas, dando para um eirado que olha sobre o Tejo e donde se vê toda Lisboa; entre as janelas o retrato, em corpo inteiro, de um cavaleiro moço, vestido de preto, com a cruz branca de noviço de S. João de Jerusalém. Defronte e para a boca da cena um bufete pequeno, coberto de rico pano de veludo verde franjado de prata; sobre o bufete alguns livros, obras de tapeçaria meias feitas e um vaso da China de colo alto, com flores. Algumas cadeiras antigas, tamboretas rasos, contadores. Da direita do espectador, porta de comunicação para o interior da casa, outra da esquerda para o exterior. É no fim da tarde.

CENA I

MADALENA

só, sentada junto à banca, os pés sobre uma grande almofada, um livro aberto no regaço, e as mãos cruzadas sobre ele, como quem descaiu da leitura na meditação.

MADALENA

(repetindo maquinalmente e devagar o que acaba de ler)

Naquele ingano d'alma ledó e cego
que a fortuna não deixa durar muito

MADALENA

Com paz e alegria d'alma... um ingano, um ingano de poucos instantes que seja... deve de ser a felicidade suprema neste mundo. E que importa que o não deixe durar muito a fortuna? Viveu-se, pode-se morrer. Mas eu!... (Pausa). Oh! que o não saiba ele ao menos, que não suspeite o estado em que eu vivo... este medo, estes contínuos terrores, que ainda me não deixaram gozar um só momento de toda a imensa felicidade que me dava o seu amor. Oh! que amor, que felicidade... que desgraça a minha! (Torna a descair em profunda meditação; silêncio breve).

1. Integre o excerto na estrutura da obra.
2. Infira sobre a importância deste excerto para a compreensão geral da obra, nomeadamente o seu fim trágico.
3. Indique a função das didascálias.
4. Proceda à caracterização de D. Madalena.

Ato II

CENA I Maria e Telmo.

MARIA (Saindo pela porta da esquerda e trazendo pela mão a Telmo, que parece vir de pouca vontade.) – Vinde, não façais bulha, que minha mãe ainda dorme. Aqui, aqui nesta sala é que quero conversar. E não teimes, Telmo, que fiz tenção e acabou-se.

TELMO – Menina!...

MARIA – "Menina e moça me levaram de casa de meu pai": é o princípio daquele livro tão bonito que minha mãe diz que não entende; entendo-o eu. Mas aqui não há menina nem moça; e vós, senhor Telmo Pais, fiel escudeiro, "faredes o que mandado vos é". E não me repliques, que então altercamos, faz-se bulha, e acorda minha mãe, que é o que eu não quero. Coitada! Há oito dias que aqui estamos nesta casa, e é a primeira noite que dorme com sossego. Aquele palácio a arder, aquele povo a gritar, o rebato dos sinos, aquela cena toda... oh! Tão grandiosa e sublime, que a mim me encheu de maravilha, que foi um espetáculo como nunca vi outro de igual majestade!... À minha pobre mãe aterrou-a, não se lhe tira dos olhos: vai a fechá-los para dormir e diz que vê aquelas chamas enoveladas em fumo a rodear-lhe a casa, a crescer para o ar, e a devorar tudo com fúria infernal... O retrato de meu pai, aquele do quarto de labor tão seu favorito, em que ele estava tão gentil-homem, vestido de Cavaleiro de Malta com a sua cruz branca no peito, – aquele retrato, não se pode consolar de que lho não salvassem, que se queimasse ali. Vês tu? Ela que não cria em agouros, que sempre me estava a repreender pelas minhas cismas, agora não lhe sai da cabeça que a perda do retrato é prognóstico fatal de outra perda maior que está perto, de alguma desgraça inesperada, mas certa, que a tem de separar de meu pai. E eu agora é que faço de forte e assisada, que zombo de agouros e de sinas... para a animar coitada!... que aqui entre nós, Telmo, nunca tive tanta fé neles. Creio, oh! se creio! que são avisos que Deus nos manda para nos preparar. E há... oh! há grande desgraça a cair sobre meu pai... decerto, e sobre minha mãe também, que é o mesmo.

TELMO (Disfarçando o terror de que está tomado.) – Não digais isso... Deus há de fazê-lo por melhor, que lho merecem ambos. (Cobrando ânimo e exaltando-se.) Vosso pai, D. Maria, é um português às direitas. Eu sempre o tive em boa conta; mas agora, depois que lhe vi fazer aquela ação, – que o vi, com aquela alma de português velho, deitar as mãos às tochas e lançar ele mesmo o fogo à sua própria casa, queimar e destruir numa hora tanto do seu haver, tanta coisa do seu gosto, para dar um exemplo de liberdade, uma lição tremenda a estes nossos tiranos... Oh minha querida filha, aquilo é um homem. A minha vida que ele queira, é sua. E a minha pena, toda a minha pena é que o não conheci, que o não estimei sempre no que ele valia.

Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, Ato II

1. Integre o excerto que acabou de ler na estrutura da obra a que pertence.
 - a. Refira-se à importância que este excerto tem para o desfecho da ação dramática.
2. Descreva o estado psicológico da personagem Maria.
3. A que livro se refere a personagem quando diz «é o princípio daquele livro tão bonito»?
4. Caracterize a personagem Madalena.
5. Diga que funções desempenha a personagem Telmo.
6. Identifique dois recursos de estilo e comente o seu valor expressivo.

Ato III

Romeiro – Basta: vai dizer-lhe que o peregrino era um impostor, que desapareceu, que ninguém mais houve novas dele; que tudo isto foi vil e grosseiro embuste de inimigos de...dos inimigos desse homem que ela ama...E que sossegue, que seja feliz. Telmo, adeus!

Telmo – E eu hei de mentir, senhor, eu hei de renegar de vós, como um vilão que não sou?

Romeiro – Hás de, porque eu mando.

Telmo (com grande ansiedade) – Senhor, senhor, não tenteis a fidelidade do vosso servo! É que vós não sabeis... D. João, meu senhor, meu amo, meu filho, vós não sabeis...

Romeiro – O quê?

Telmo – Que há aqui um anjo... uma outra filha minha, senhor, que eu também criei...

Romeiro – E a quem já queres mais que a mim, dize a verdade.

Telmo – Não mo pergunteis.

Romeiro – Nem é preciso. Assim devia ser. Também tu! Tiraram-me tudo. (Pausa) E têm um filho, eles?...Eu não... E mais, imagino... Oh! Passaram hoje pior noite do que eu! Que lho leve Deus em conta e lhes perdoe como eu perdoei já. Telmo, vai fazer o que mandei.

Telmo – Meu Deus, meu Deus, que hei de eu fazer?

Romeiro – O que te ordena teu amo. Telmo, dá-me um abraço. (Abraçam-se) Adeus, adeus, até...

Telmo – (com ansiedade crescente) Até quando, senhor?

Romeiro – Até ao dia de juízo.

Telmo – Pois vós?

Romeiro – Eu... Vai, saberás de mim quando for tempo. Agora é preciso remediar o mal feito. Fui imprudente, fui injusto, fui duro e cruel. E para quê? D. João de Portugal morreu no dia em que sua mulher disse que ele morrera. Sua mulher honrada e virtuosa, sua mulher que ele amava... - oh, Telmo, Telmo, com que

amor a amava eu! – sua mulher que ele já não pode amar sem desonra e vergonha!... Na hora em que ela acreditou na minha morte, nessa hora morri. Com a mão que deu a outro riscou-me do mundo dos vivos. D. João de Portugal não há de desonrar a sua viúva. Não, vai; dito por ti terá dobrada força: dize-lhe que falaste com o romeiro, que o examinaste, que o convenceste de falso e impostor... dize o que quiseses, mas salva-a a ela da vergonha e ao meu nome da afronta. De mim já não há senão esse nome, ainda honrado; a memória dele que fique sem mancha. Está em tuas mãos, Telmo, entrego-te mais que a minha vida. Queres faltar-me agora?

Telmo – Não, meu senhor, a resolução é nobre e digna de vós; mas pode ela aproveitar ainda?

Romeiro – Porque não?

Telmo – Eu sei! Talvez...

1. Situe o excerto nas estruturas interna e externa da obra, justificando a sua resposta.
2. Explícite as características, ao nível do carácter, evidenciadas pelo Romeiro ao longo do diálogo
3. Indique as mudanças do estado de espírito da personagem Telmo, transcrevendo as falas mais ilustrativas.
4. Exemplifique e interprete o recurso à exclamação, à repetição e à frase suspensa.